

O BOM MASSACRE

O BOM MASSACRE

Leonardo Marona

© **Leonardo Marona, 2025**

Coordenação editorial Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira
Assistente editorial Juliana Sehn
Capa Nana Grunevald
Projeto gráfico e diagramação Bárbara Tanaka e Manoela Haas
Preparação de texto Guilherme Conde Moura Pereira
Revisão Bárbara Tanaka
Comunicação Hiago Rizzi
Produção Letícia Delgado e Raul K. Souza

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M354b Marona, Leonardo
O bom massacre / Leonardo Marona. — 1. ed. —
Curitiba, PR: Telaranha, 2025.

280 p.

ISBN 978-65-85830-30-0

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD: 869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93
Henrique Ramos Baldisserotto – Bibliotecário – CRB 10/2737

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Maio de 2025

para Rita, que dessa vez vai ler.
para Camila, que me apresentou a viola da gamba.
para Aderaldo, que gosta das minhas loucuras.

e, inevitavelmente,
para a gata Juno e o gato Bandini,
que estiveram ao meu lado enquanto escrevia.

CONVITE A O BOM MASSACRE

9

O BOM MASSACRE

LIVRO UM — ISTO É UMA PERGUNTA

13

LIVRO DOIS — PALACETE DOS AMORES

171

ÍNDICE DE PERSONAGENS

269

POSFÁCIO — TENSÃO DO DESEJO

273

CONVITE A O BOM MASSACRE

No por favor. No aparten las miradas de estas líneas porque las crean escritas por un degenerado. Concedan unos minutos de tregua al odio y ellas les explicarán la Verdad aunque yo ya no exista. Entonces me salvaré a través de sus conciencias.

— Marcelo Fox, *Invitación a la masacre*

Convite ao massacre é o nome do livro com o qual o escritor argentino Marcelo Fox ofereceu sua cabeça decapitada para a mítica da literatura argentina. O meu convite a *O bom massacre* não pretende oferecer a cabeça de Leonardo Marona a nada. Neste prefácio, minha intenção é sugerir para o leitor recém-chegado ao universo de Marona, ou mesmo para os já bem íntimos de sua literatura, que estamos diante de um legítimo escritor latino-americano, que escreve no Brasil, em português – coisa bastante rara nas nossas letras.

Assemelhado à tradição argentina do realismo delirante e do abjeto, Marona carrega influências em sua escrita que remetem diretamente a Alberto Laíseca e Osvaldo Lamborghini, que, junto com Fox, formam a mitológica trinca da literatura maldita e delirante da Argentina. Ecoam também, neste livro em particular, as letras de Ariel Luppino, Felipe Polleri, Gabriela Cabezón Cámara, Agustina Bazterrica, entre outros contemporâneos dos dois lados do Rio da Prata.

É importante deixar claro que toda essa influência é muito mais arquetípica que de leituras; não há angústia, e sim um texto repleto de não referências diretas. Ao mesmo tempo que se percebe a escrita platense de Marona, não se pode apontar uma citação sequer dos autores elencados. É um fenômeno literário digno de nota. Marona nunca leu Laiseca ou Fox, mas tenho certeza de que os Boys de Pasolini, personagens centrais de *O bom massacre*, leram. Não quero entrar no livro diretamente – é preferível que a leitura desse bom massacre seja intuitiva e sem influências, mas os Boys de Pasolini merecem menção. A construção desse grupo nas páginas que se seguem é uma lição de escrita. Outros personagens merecem passagem direta para o rol dos grandes personagens da nossa literatura, entre os quais o protagonista Reizinho (Ceguinho) e o Russo (Klaus). A escritura latino-americana de Marona é tudo o que o atual cenário da literatura brasileira não é. E isso é ótimo.

Não é de agora que Leonardo Marona carrega sua literatura no embornal latino-americano. Em seu romance anterior, *Não vale morrer* (Macondo, 2021), já se notavam os ecos castelhanos. Em alguns contos de *Conversa com leões* (Oito e Meio, 2012), reeditado em 2024 pela editora Urutau, podemos ler essa mesma América Latina literária, sem a menor necessidade de citação direta ou afiliação com carteirinha e distintivo. Na poesia, Marona também transborda essa literatura portenha/platense, principalmente nas plaquetes *comunista fdp* (Garupa, 2021) e *Pibe: una brisa* (Primata, 2022), com uma referência mais direta, sem deixar de ser fluida. Reproduzo um trecho da prosa poética “Charles anjo 45”, extraído de *Pibe*:

Reconheceu em mim o sangue charrua, por mais que eu tenha tentado de várias formas lhe dizer que, na verdade, minha ascendência é guarani, por parte de mãe, pelo que comprovo sua loucura e devoção. O charrua, para um uruguaio forte, é como uma honra, uma capacitação. Ganho cinco metros de altura, aprendo a dançar. (p. 17)

E ainda tem a música. Marona é um grande admirador do rock argentino das décadas de 1970 e 1980, principalmente nas figuras de Luis Alberto Spinetta e Charly García, que, para além de geniais, são músicos/poetas que fazem do realismo delirante sua principal característica. Marona bebeu muito disso e soube colocar na escrita essa outra influência portenha. Há também o brasileiro Belchior nessa caldeira – que, no meu entender, é o único compositor latino-americano da MPB, na estrutura, na base rítmica e na temática. Marona é também um pouco Belchior na sua literatura, *apenas um rapaz latino-americano*, apenas uma literatura latino-americana, o que se evidencia ainda mais neste livro.

Meu desejo é que leitores virem esta página, leiam o livro, vejam o filme e ouçam o disco. *O bom massacre* merece sua atenção, e Leonardo Marona merece o mundo.

Clelio Toffoli Jr é mestre e doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Atualmente, pesquisa a surrealidade e o delírio nas literaturas latino-americanas.

LIVRO UM

**ISTO É
UMA
PERGUNTA**

Só creem no divino
Os que o trazem em si

Friedrich Hölderlin por Manuel Bandeira

Sou uma personagem
de ficção científica
escrevo para me casar

Adília Lopes

REIZINHO

Hoje o dia começou complicado porque é o primeiro depois que minha mãe morreu. Meu primeiro dia totalmente sozinho no mundo.

Quando levaram ela daqui, bem cedo, eu ainda dormia. Eu sempre dormi profundamente, porque é quando descanso do mundo que não posso ver.

O lugar onde a gente vivia – pelo cheiro e pelas moscas e mosquitos – era o que minha mãe chamava de pocilga, palavra que logo passei a usar também e que nunca ouvi outra pessoa falar além da minha mãe. Era uma palavra muito bonita: POCILGA. Tinha algo que parecia coisa de gente importante. Talvez não fosse o nosso caso. Mesmo assim, no pior sofrimento, eu lembrava daquela palavra bonita, POCILGA, e dizia a mim mesmo que vivia como um rei numa pocilga.

Logo consegui fazer, escondido, com papelão e mato seco, uma coroa de rei que passei a usar junto com um pedaço de pau, que era minha espada. Isso durou até que mamãe, sem entender o que era aquilo, arrancou a coroa da minha cabeça e tacou fogo nela sem dizer nada. Quebrou o pau com raiva.

Nunca vi rei cego, dizia minha mãe, dando risada. Ela gostava muito de rir, por mais que não tivesse dentes. Tinha a gengiva muito bonita, era o que ela dizia: “carnuda e cor-de-rosa, todo mundo ama a minha gengiva”. Então, muito cedo, gengiva se tornou uma palavra importante pra mim. Uma boca bonita devia ter uma gengiva bonita; dentes não eram tão importantes assim. Ao mesmo tempo, ficava imaginando que a boca da minha mãe parecia uma boca de peixe, ou de sapo. No fundo da minha alma – palavra que mamãe nunca conseguiu me explicar direito, mas que eu acho tão bonita quanto pocilga –, eu queria que algum rei cego tivesse existido. Assim podia mostrar isso pra minha mãe e ela me deixaria ser o Rei da Pocilga. Só que eu ficava muito quieto sempre, com essas coisas passando pela minha cabeça o tempo todo.

Lembro que tinha sempre gente que passava no lugar onde a gente dormia. Entrava e saía gente o tempo todo. Tinha muita gritaria, bate-boca, gente gemendo, gente brigando. E tinha uma coisa chamada lama – minha mãe tinha me explicado o que era –, que se misturava com merda de bicho e de gente e trazia doença. Doença também era bicho. Era bicho pequeno, só que muito mais forte que gente, que era grande. Então muito cedo entendi que um bicho pequeno podia ser mais forte do que um bicho grande. Tive uma barriga enorme durante toda a minha adolescência. Mesmo assim, virei um homem bonito. Minha mãe dizia isso, eu achava que era pra me agradar. Mas então outras mulheres também começaram a dizer. Homens também. Daí acreditei.

Como a barulheira era constante na pocilga, não percebi nada de estranho, até que vieram buscar o corpo, porque cheirava a podre, o que às vezes podia muito bem ser um bicho morto. Eu mesmo senti uma diferença no cheiro, mas não sabia o que era, fiquei na dúvida, me remexi um pouco. Depois não fiz nada, não me mexi mais, acho que tive

um pouco de medo. Eu ficava sempre muito emocionado quando escutava alguém que não era como a gente falando. Aconteceu quando ouvi os enfermeiros discutindo com a polícia. O policial eu entendia menos. Ele falava muito parecido com o jeito de falar da gente que vivia ali. Por um tempo, isso me assustou, mas logo me acostumei. Era como se eu não fosse dali, porque eu só me sentia bem quando escutava um jeito de falar que não era dali, e o jeito de falar dali me dava dor na barriga e na cabeça. Mas minha mãe falava como um enfermeiro, como alguém que não era dali. Só quando dizia palavrão que a gente via que ela era dali. E ela dizia bastante palavrão. Então eu entendia o jeito dela e, quando ela falava normalmente, eu também ficava muito mexido. E daí que nem o palavrão me incomodava. Eu amava muito a minha mãe.

Desde que nasci, minha mãe vendia caneta a dois contos na rua. Vendia sempre todas as canetas que tinha, era boa nisso. Me levava junto pra fazer propaganda. Colocava em volta do meu pescoço uma placa com o preço da caneta. Também me dava uma caneca, que sempre ficava cheia de moeda. Minha mãe dizia: enche a caneca de moeda que eu encho ela de café. Aquilo era uma brincadeira nossa de todo dia. Eu adorava café preto. Minha mãe era nervosa e muito engraçada. A primeira coisa que pensei hoje foi: vou vender as canetas que sobraram eu mesmo. Depois vou tomar café.

A velhinha guardava a caixa com as canetas dentro de um buraco no chão de terra, embaixo do papelão onde a gente dormia quando não fazia chuva. Eu sabia que minha mãe tinha cem canetas guardadas. Sei que cem é muito, que vale duzentos contos se eu conseguir vender tudo. Sei que dá pra comer e sobra ainda bastante.

Uma coisa importante que eu aprendi com minha mãe foi o olho do cego, que eu não tinha. Eu tinha olho verde, minha

mãe dizia, verde como uma praia limpa. Ela também falava sempre que só teve uma outra pessoa com o olho verde como o meu. Um homem chamado Jesus Cristo, a melhor pessoa que já existiu. Ela dizia que eu trazia, dentro de mim, a alma desse homem bom. Jesus também era um mendigo como a gente, mas podia fazer mágica e acabar com a fome, com a sede, com o frio. Então pensei que eu, pelo menos, era mais feliz do que Jesus, que fazia mágica, mas era um homem triste, mamãe dizia, porque carregava nas costas a dor do mundo. Então ela me disse que pedinte feliz não atrai simpatia. E me ensinou a virar o olho e mostrar a parte branca porque, como eu era um cego pedinte, só teriam pena de mim se vissem a parte branca girando.

Antes de sair, limpei minha cara com água parada da chuva e disse pra mim mesmo: hoje é o primeiro dia de uma vida nova, você vai ter que cuidar da sua própria vida agora, como todo mundo. Nada além de fazer como todo mundo faz. Até aqui sua mãe cuidou de você, agora é sua vez de cuidar de si mesmo. Você teve uma grande vantagem e viveu como um rei até aqui. O Rei da Pocilga. Agora é hora de fazer como faz um rei e tornar a vida seu reino. Imagine uma pocilga gigantesca. É agora o seu mundo. Vá em frente e com coragem.

Logo na saída da pocilga, percebi que ganhava energia enquanto me dava conta das coisas lá de fora. Um sol forte me queimou, como uma bola de fogo enorme. Dava pra sentir que era sol de meio-dia. Assim eu sabia mais ou menos como era o sol das pessoas, sentindo ele em mim de um jeito que elas não podiam sentir. Eu criava uma imagem da realidade que era igual à imagem real, ou melhor. É um negócio difícil de explicar e mais ainda de entender, eu sei. Mas era o sol que eu tinha em comum com toda a humanidade que me dava força nas pernas e me levava pra fora da pocilga e pra longe daquele

beco sem saída. Essa era outra expressão que aprendi com minha mãe morta. Ela dizia beco sem saída de hora em hora, sempre na hora do perrengue. Então, por um tempo, comecei a pensar que beco sem saída era outra forma de dizer pocilga. Mas logo percebi que a pocilga estava dentro do beco sem saída, e não o contrário. Beco sem saída era a vida em geral, difícil. Pocilga era a casa, onde a gente podia dormir.

Sempre que era verão, minha mãe ia comigo até a praia, que era onde os gringos passavam as férias. As pessoas que visitam, dizia minha mãe, são as únicas que têm caridade, porque só longe de casa a gente é caridosa. As pessoas dão esmola, compram tralha na rua, porque nunca mais vão ver aquele pedinte. Fazia sentido aquilo na minha cabeça, porque, se você ajuda alguém que vive perto de você, vai ter que ajudar essa pessoa todos os dias.

Viajando é mais fácil ajudar, eu pensava um pouco antes de chegar ao ponto de ônibus. Foi ali que ouvi uma voz conhecida me chamando pelo nome como todo mundo me chamava ali: Reizinho. Minha mãe me chamava sempre de meu anjo, minha estrela da sorte, mas nunca me chamou por um nome de gente normal. As pessoas na rua também não. Me chamavam de Reizinho. Os mais velhos às vezes me chamavam de Ceguinho também.

— Alô, Reizinho! Quanto tempo, amigo! Veio sem a velha hoje?

— Minha mãe morreu – eu disse, porque não sabia nada melhor pra dizer.

— Puxa vida, meu irmãozinho, sinto muito – o homem me disse com emoção, se aproximou de mim e me deu na mão dois pedaços de pé-de-moleque. Na outra, colocou duas barras de paçoca caseira, daquelas bem graúdas.

Eu agradei e disse a ele, tentando levantar um pouco os ânimos:

— Mais importante é que a vida continua. A gente tem que tocar em frente, certo?

— É isso aí, garoto! Mas deve ser muito mais difícil sendo cego, assim, sozinho no mundo. Olha, você pode contar comigo, entendeu? Que Deus te guie e te guarde, garoto – ele disse enquanto me abraçava. Depois gritou, enquanto um ônibus se aproximava – Esse é o teu, Ceguinho, vou te ajudar!

Então parou o ônibus, falou alguma coisa com o motorista e me ajudou a entrar pela porta de trás, sem pagar, o que era uma boa vantagem, minha mãe dizia, de ser cego, no meu caso, e, no caso dela, de ser velha. Cego e velho não pagam transporte. Isso me dava uma estranha sensação de liberdade, de que eu poderia ir aonde quisesse.

Ouvi o bom homem bater na lataria do ônibus, fazendo um grande estrondo. Balancei minha mão pra fora da janela, agradecendo a ajuda, enquanto o ônibus subia lentamente as marchas rumo ao litoral.

Sentado dentro do ônibus cada vez mais cheio – o que eu percebia pelo calor que aumentava aos poucos, conforme ele parava e voltava a andar –, esqueci tudo por um momento, enquanto o vento batia no meu rosto e eu podia sentir a marésia cada vez mais perto. Eu tinha um bom nariz. Já que era cego, Deus tinha me dado essa compensação. Eu acreditava nisso.

Mas então lembrei que não tinha viajado a passeio, pedi licença pra senhora – eu sabia pelo perfume de velha – sentada do meu lado e fiquei de pé, com a placa em volta do pescoço e a caixa de canetas na altura da barriga. Quase caí no chão por causa de um tranco, no instante em que o ônibus freou.

Eu ainda não sabia muito bem o que dizer, porque era minha mãezinha que sempre falava, então não disse nada. Uma criança do meu lado disse baixinho: “Mamãe, aquele moço é

cego?” Uma voz de mulher mandou ela calar a boca. Mas a criança insistiu: “É que ele não parece um cego, mãe”. Dessa vez, a mulher deu um tapa na criança e depois deve ter apertado o braço dela. Percebi pelo grito da criança.

Nesse meio-tempo, vendi três canetas. As pessoas bondosamente deixavam o dinheiro na caixa e tiravam a caneta. Eu não sabia de verdade o que acontecia, mas não tinha nenhuma ideia do que fazer a não ser acreditar na bondade das pessoas. Era o que Jesus Cristo faria, minha mãe teria falado. Mas ela era bem mais esperta do que eu, ninguém fazia ela de boba. A gente era uma dupla de empreendedores, ela costumava dizer quando ficava bêbada. Ela sendo a contadora, e eu, o garoto-propaganda. Agora o garoto-propaganda cego ia ter que inventar um jeito de contar dinheiro.

Eu sabia que tinha chegado na praia porque cheirava como gente rica. Era um cheiro muito bom, mas parecia também um cheiro que alguém muito fedorento usava pra não ter que tomar banho. Então eu sempre pensei que os ricos eram, na verdade, muito sujos. Imaginava suas unhas dos pés enormes e pretas, suas dentaduras de um milhão de dólares boiando em canecas de ouro, em pias de mármore, apodrecendo devagar. Era bom pensar assim porque eu podia ser mais feliz sendo pobre. Eu me sentia sempre limpo. Acho que é por isso que eu gostava tanto daquele cheiro de praia, aquele cheiro de rico que não toma banho. E, pra falar a verdade, eu também não tinha tomado banho ainda, desde que mamãe morreu.

Logo quando parei num lugar com sombra, duas meninas se aproximaram. Uma delas mexeu nos meus cabelos, enquanto a outra ria e falava coisas que eu não conseguia entender. Ela falava muito rápido também. Achei estranho não entender quase nada do que ela dizia, mas, pelas vozes e pelo cheiro, eu sabia que eram meninas ricas e bonitas.

Nem sempre eu ficava totalmente convencido de que as pessoas se pareciam com a voz que tinham. Nas poucas vezes que fiz *aquilo*, que era como a minha mãe falava quando queria dizer usar o pau na buceta, quando entendi por que era importante o uso do pau e da buceta que mamãe sempre falava, duas vezes eu toquei na pessoa que estava comigo e ela não parecia nada com o que eu imaginava pelo som da sua voz. Pra dizer a verdade, como eu só tinha até então feito *aquilo* três vezes, é um pouco assustador. Nas duas vezes que errei, a primeira era uma mulher muito mais velha e com a pele que parecia escama de peixe. Na segunda vez, era um homem. Essa vez foi a mais confusa. O homem queria fazer *aquilo* comigo de qualquer jeito, me disse que não tinha problema. Eu disse a ele que *aquilo* só podia ser feito com pau e buceta e que, no nosso caso, tinha apenas dois paus. Ele me disse de uma maneira muito engraçada que aquilo não tinha importância, que era coisa do passado, e acabou me convencendo. Então eu aceitei e não gostei tanto como da vez que eu acertei em cheio e a voz era exatamente como o corpo que eu toquei. Mas gostei mais do que com a mulher velha. Com a mulher velha foi como se eu tivesse feito *aquilo* com a minha mãe.

As meninas ficaram um bom tempo ali, foi mesmo divertido. Uma delas chegou bem perto de mim, pude sentir a respiração dela, o cheiro de chiclete que vinha da boca dela, quando ela começou a conversar com a amiga de um jeito que eu podia entender:

- Até que ele é bem bonito pra um cego.
- É verdade, ele tem olho verde.
- Não parece aquele olho de cego.
- Ele tem um corpo bonito também.
- Será que cego trepa?
- Não sei, mas eu daria pra ele.

Essas duas palavras eu nunca tinha ouvido antes: trepa e daria. Quer dizer, daria eu tinha ouvido, trepa também, mas eu não entendia o que elas queriam dizer ali na minha frente. Trepar no quê? A gente trepa na árvore, que eu saiba. Daria o quê? Parecia que faltava alguma coisa. E eu tinha gostado de começar a entender. Esperei mais um pouco.

- Que horror! É até pecado dizer isso.
- Um cego deve ser mais fácil de lidar.
- Com esse corpo, será que ele tem um pauzão?
- Que isso, garota! Será?

Era muito engraçada e às vezes um pouco estranha essa sensação que eu tinha de que as pessoas que chegavam perto de mim, talvez porque eu fosse cego, falavam entre elas como se eu não estivesse ali, ou como se eu não pudesse, além de enxergar, escutar. Principalmente as mulheres novas, quando estavam perto de mim em duplas ou em grupos maiores, falavam entre elas como eu imaginava que as mulheres pudessem falar entre elas no banheiro. Eu imaginava assim porque minha mãe também falava desse jeito com as amigas, mas só no banheiro, quando bebia no bar e me levava com ela. Eu ficava na mesa sozinho e podia ouvir o jeito como elas falavam, que era igual ao dessas duas meninas. Só que agora não tinha ninguém no banheiro. Talvez porque eu sou cego, elas falam de mim como quem vai no banheiro falar daquele jeito estranho, mas sem precisar ir no banheiro porque – é claro – eu não posso ver nada.

Eu não sabia exatamente onde eu tinha ido parar, mas era um lugar silencioso demais pra uma praia no sol de março. Daqui pra frente, seja o que Deus quiser. Fiquei confuso porque não ouvia nada além das meninas. Disse a elas:

- A gente tá muito longe da praia?
- É na próxima quadra, quer que a gente te leve lá?
- Eu ia ficar bem feliz.